

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

A pobreza na America tem rosto feminino e negro [Poverty in America has a black and female face]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Mena-Lopez, Maricel
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-18 23:19:39
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163363

A POBREZA NA AMÉRICA TEM ROSTO FEMININO E NEGRO

Entrevista com Maricel Mena-López

Nascida em Cali, Colômbia, em 1967, Maricel Mena-López é teóloga católica, doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, na área de Bíblia, Antigo Testamento, onde também fez seu mestrado em Novo Testamento. Sua tese doutoral traz o título “Raízes afro-asiáticas nas origens do povo de Israel: uma proposta de reconstrução histórico-feminista”. Publicou artigos na área de teologia negra e feminista e prestou assessoria nesta área em vários países da América Latina. Trabalha com organizações negras e feministas. Atualmente é professora de Antigo Testamento na Escola Superior de Teologia em São Leopoldo. É também pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Rio Grande do Sul – FAPERGS.

IHU On-Line- Quais os principais desafios que se apresentam às mulheres negras na América Latina hoje?

Maricel Mena-López- Acho que a periódica e crescente reivindicação dos direitos das populações negras dos movimentos de consciência negra na América Latina e no Caribe tiveram um grande impacto. No Brasil, especialmente na última década. Estes movimentos, além de denunciarem qualquer tipo de discriminação e xenofobia cometida contra cidadãs e cidadãos negros, têm desmascarado todo um sistema de exclusão, marginalização e pobreza contra as comunidades de afro-descendentes. Nesse processo, as mulheres negras desvelaram todo um sistema macabro caracterizado por uma crescente “feminização da pobreza”. Elas descobriram que a pobreza na América Latina e no Caribe, além de ter rosto feminino, tem rosto negro, quer dizer, rosto de mulher pobre e negra. Essa constatação levou não somente ao fortalecimento de grupos de consciência negra e feminista, como também ao incremento deste debate nas academias e inclusive dentro da vida política. Neste panorama, acredito que entre os principais desafios propostos pelas mulheres está o “desencobrimento” de ideologias machistas e sexistas no interior da cultura, especialmente no interior daquelas de origem africana, pois, de fato, os movimentos de homens negros, ao longo do continente, não se perguntaram pela naturalização de assimetrias sociais impostas pela cultura com raízes na saudosa “África profunda”. Somente com a parceria e a consciência de nossos companheiros, o sonho por uma cidadania digna para as mulheres negras será possível.

Outros desafios que considero pertinentes são: reivindicar o direito a um salário digno, visto que, segundo dados do IBGE, ainda continuamos sendo as que menos ganhamos pela nossa mão-de-obra; analisar e discutir a nossa participação histórica nas lutas populares a fim de criar maior consciência política especialmente com as nossas jovens cidadãs; verificar e reivindicar o nosso direito às cotas estipuladas pelo governo federal; continuar fazendo história, já que a maioria das mulheres que estão ocupando postos e ganhando títulos nas faculdades são pioneiras, portanto, a nossa responsabilidade maior é continuar abrindo caminho para as nossas futuras descendências; promover encontros de reflexão valorizando o aporte das mulheres no âmbito popular como “acadêmico”. Ciente de que estes são somente alguns dos desafios, o nosso compromisso é continuar participando dos diversos processos organizativos em prol de uma vida justa para todas as mulheres. Queremos continuar trabalhando pela erradicação de qualquer forma de discriminação, inclusive exigindo as devidas reparações dos Estados, às quais temos direito como consequência da escravidão e suas seqüelas.

IHU On-Line- Como é pensada e compreendida a divindade e a religiosidade da mulher negra?

Maricel Mena-López- A nossa experiência mística vai além daquela apresentada pela oficialidade, ela transcende os limites do estipulado pelas religiões oficiais. Buscamos, antes de tudo, um relacionamento com a divindade muito mais humano, quer dizer, além dos fundamentalismos de nossas tradições. Acreditamos no divino como fonte de vida e vontade. E, nesse processo, o nosso corpo se apresenta como espaço sagrado onde acontece a revelação do divino. Em contraposição a uma religião oficial e a uma sociedade que demarcou nosso corpo, vendo-o como “a cor do pecado” como ainda é chamado na telenovela da Globo, isto é, espaço da tentação e do pecado.

IHU On-Line- Quais seriam os elementos fundamentais para fazer uma Hermenêutica Negra Feminista de Libertação?

Maricel Mena-López- Considero que o primeiro elemento a ter em conta é a identificação e o reconhecimento da urgência de uma hermenêutica comprometida com a vida das mulheres negras. Reconhecer também que, no processo histórico de reivindicação da voz teológica das mulheres, as vozes das mulheres brancas não recolheram a polifonia de vozes e rostos indo-afro-americanos. Este certamente é um passo importante para um diálogo sadio com as demais teologias de libertação. Para uma hermenêutica negra feminista de libertação, é importante partir do lugar de dor de exclusão e marginalização das mulheres, mas também é importante a valorização de sua resistência e de seu aporte teológico da sua cotidianidade. Somente assim poderemos desmascarar os mecanismos sutis de marginalização implícitos na linguagem bíblico-teológica que promovem assimetrias sociais até os dias de hoje.

IHU On-Line- Como acontece na teoria e na prática o diálogo entre as religiões afros e as cristãs?

Maricel Mena-López- Na vida cotidiana das comunidades afro-brasileiras, não há uma preocupação com a questão do diálogo inter-religioso, pois mais do que diálogo ele se apresenta como uma comunhão irmanada. Na verdade, não temos problemas na aceitação de Jesus Cristo como salvador, assim como também podemos assumir Oxum como criador e a Maria ou Iemanjá também como salvadoras. É por isso que as comunidades negras estão desafiando hoje as práticas hegemônicas e centralizadoras das nossas igrejas e nos desafiam a um diálogo descentralizado nas comunidades eclesiais e a uma reflexão sobre o cristianismo que pregamos. A pluralidade cultural e religiosa traz problemas para a igreja, instituição que acredita que somente ela salva e vê as outras práticas religiosas não cristãs como demoníacas. Mas vale a pena apontar para os desafios, pois eles transcendem as barreiras hegemônicas da tradição bíblico-teológica e apontam para o fim dos preconceitos, racismos, sexismos e anti-semitismos que estão camuflados nas religiões oficiais. A teologia do pluralismo reconhece que vivemos em sociedades perpassadas por relações interculturais e que essa interculturalidade deve ser marcada por novas relações que respeitem o direito de ser e de sentir. Assim vemos que a teologia oficial é chamada a rever os seus conceitos e pressupostos. Creio que o desafio colocado pelas mulheres nas comunidades afro para o debate do diálogo inter-religioso está no fato de que, nessas comunidades, as mulheres são mediadoras do sagrado, isto é, têm poder, têm visibilidade. O corpo da mulher é sagrado, seus ciclos de fertilidade são sagrados. Creio que o desafio está na reivindicação de espaços sagrados para as mulheres. Nossa crítica principal ao cristianismo está relacionada à culpabilização das mulheres como tentadoras e fonte de pecado.

IHU On-Line- Quais as releituras bíblicas que mais destacaria na perspectiva do lugar da mulher negra na Bíblia?

Maricel Mena-López- Na verdade, são muitos textos que acompanham a nossa caminhada, mas por limitação, vou nomear somente alguns. A história da escrava egípcia Agar (Gn 16), de Séfora (Nm 12), a mulher de Moisés, a rainha de Sabá (1Rs 10) a rainha Candace (At 8), a Sulamita (Cânt 1), do Cântico dos Cânticos, são histórias importantes para nossa releitura, bem como textos nos quais os direitos das mulheres foram negados (Jz 19), ou textos onde experiências de sacerdócio, curas, milagres aparecem. Quer dizer a nossa releitura não se preocupa somente com a visibilidade de figuras femininas, mas com o estudo comparado de experiências, omissões e silêncios presentes nos textos bíblicos.

IHU On-Line- Uma mensagem pelo Dia Internacional da Mulher?

Maricel Mena-López- Quero reivindicar o princípio da vida em abundância para todas as mulheres. Ainda sonho com um mundo mais inclusivo, tolerante e descentralizado. Somente assim é possível a abertura e o diálogo igualitário entre semelhantes.

DESTAQUES DA SEMANA

Artigo da Semana

O CREDO DA PAIXÃO DESCAFEINADA

Por Slavoj Zizek

*Reproduzimos, a seguir, o artigo de Slavoj Zizek, publicado no jornal **II Manifesto**, no dia 28 de fevereiro de 2004. A tradução é da equipe do **IHU On-Line**.*

*Slavoj Zizek, filósofo esloveno, é professor do Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana, Iugoslávia. Entre outros livros, é autor de **Eles Não Sabem O Que Fazem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992; **O Mais Sublime dos Históricos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. Seu último livro traduzido ao português é **Bem-Vindo ao Deserto do Real!**. São Paulo: **Boitempo**, 2003.*

As credenciais daqueles que, antes mesmo do seu lançamento, criticam violentamente o novo filme de Mel Gibson sobre as últimas doze horas da vida de Cristo, são impecáveis: não se justifica, plenamente, a sua preocupação que o filme, realizado por um fanático tradicionalista católico, com ímpetos ocasionais de anti-semitismo, possa desencadear sentimentos anti-semitas? Mais ainda, **A Paixão de Cristo** não é uma espécie de manifesto dos nossos fundamentalistas e anti-secularistas (ocidentais, cristãos)? Rejeitá-lo não é portanto dever de cada homem secularizado ocidental? Um ataque tão claramente privado de ambigüidade não é *sine qua non*, se queremos demonstrar que ele não se trata de racistas que, secretamente, atacam somente o fundamentalismo de outras culturas (islâmicas)? A reação do Papa ao filme é conhecida: profundamente comovido, murmurou: “É como aconteceu na realidade!”, mas esta afirmação foi logo retratada pelo porta-voz oficial do Vaticano. Assim, a sua reação espontânea foi rapidamente substituída pela posição neutra ‘oficial’, emendada de tal modo que não ferisse